

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Cruzado: O Fim da Jornada

Robert Brooks

I

Mãos em manoplas empurraram com um baque as portas da frente da taberna. Areia rodopiante soprou para dentro do salão. A vassoura de Reiter parou e ele ficou encarando. À luz fraca do crepúsculo, tudo o que o rapaz conseguia ver era uma silhueta parada no umbral.

Por um longo instante, apenas o zumbido incessante da tempestade de areia rompeu o silêncio.

O vulto adentrou o recinto. A pesada armadura chacoalhou. Uma túnica branca caía sobre o peitoral, portando um estranho símbolo. Mas era a arma que prendia o olhar de Reiter. Uma curta corrente negra conectada a um cabo com um peso na ponta repleto de enormes pregos. O homem também carregava um grande escudo. Era mais alto que Reiter. A armadura fazia tremer o assoalho de madeira da estalagem a cada passo. A cabeça do vulto, dentro de um espesso elmo, voltou-se para o rapaz.

Reiter estava aterrorizado demais para correr e só ficou encarando e esperando.

O vulto levou a mão ao elmo e o removeu. Cabelos castanhos lisos caíram por sobre os ombros — os ombros dela. A boca de Reiter se abriu com a surpresa. *Era uma mulher!* Ele jamais vira uma armadura de batalha tão detalhada e assustadora na vida, nem entre a elite de guardas dos mercadores que passavam pela cidade, cujos membros eram todos homens. Pelo menos era o que Reiter presumia. Ele não tinha visto muitos.

A mulher tossiu e mais areia caiu da armadura. Ela tinha caminhado naquela tempestade de areia? Loucura. Ela virou os olhos para Reiter e sorriu. Era uma expressão gentil, benevolente.

— Deixe eu adivinhar — disse ela. — Você é o filho do estalajadeiro?

Reiter engoliu em seco e acenou com a cabeça.

— Pai? — chamou ele, sem tirar os olhos dela.

Um grunhido veio em resposta do andar de cima.

— O que foi, rapaz? Já terminou de varrer?

— Chegou um hóspede.

— Duvido muito, com esse tempo — disse o pai, descendo as escadas. — O que você... oh.

Seu sotaque grosseiro desapareceu em um instante, substituído pela fala mansa que ele reservava para os hóspedes.

— Mil desculpas, meu senhor... madame, quer dizer. Eu não estava esperando hóspedes novos. Com essa tempestade, sabe.... — Sua tentativa de parecer charmoso ficou um pouco comprometida pelas olhadelas nervosas que ele lançava à armadura. — Bem-vindas à Taberna Oásis. Vocês querem um quarto?

Vocês? Reiter olhou para o lado. Não tinha notado a companheira da mulher, uma moça usando roupas simples. Ela era mais jovem. Mais ou menos da idade de Reiter, na verdade. A falta de armadura a tinha deixado exposta ao impacto dos ventos. Grãos de areia salpicavam-lhe os cabelos. Reiter a achou bonita mesmo assim.

A mulher pousou o escudo delicadamente no chão.

— Ouvi dizer que o sr. gosta de livros, e os empresta aos seus fregueses. É verdade?

Livros? Aquelas duas tinham enfrentado uma tempestade de areia por causa de *livros*?

— É verdade, madame — respondeu o pai. — Minha taberna tem uma das melhores bibliotecas do Kehjistão, segundo dizem. Fora de Caldeum é claro.

Ela sorriu. — Nesse caso, vamos querer nos hospedar — disse ela. — Com uma condição: não precisa me chamar de madame. Meu nome é Anajinn.

— É claro, mad... Anajinn! Temos muitos quartos hoje aqui na Taberna Oásis. — O pai de Reiter abriu os braços, caloroso. — Não tem muito mais gente corajosa que nem vocês por aí, dispostas a viajar com esse tempo.

A recém-chegada sorriu.

— Corajosa. Claro. Fomos surpreendidas por uma tempestade de areia. Já posso ver os poetas correndo pra fazer sonetos em honra à nossa coragem. — Reiter sorriu para ela. Ela encarou seu olhar e, depois de um instante, deu um sorriso educado.

A mulher de armadura sorriu.

— Talvez tenhamos sido um pouco pegadas de surpresa. Talvez tivéssemos chegado aqui alguns dias antes, se não fosse a lerdeza de certa aprendiz.

— Talvez a aprendiz não fosse a única que queria explorar cada caverna no deserto — respondeu a aprendiz.

— Talvez — Anajinn removeu uma das manoplas e a virou. Uma pequena cascata de areia caiu no assoalho de madeira. Reiter franziu a testa. Ele teria que varrer aquilo. — Mas pelo menos fomos bem produtivas — acrescentou, em um tom divertido.

O taberneiro inclinou a cabeça, mas não obteve mais explicações.

— Bom, aposto que vocês duas estão com sede, e a Taberna Oásis sempre tem bastante água fresca estocada — disse o pai de Reiter. — Reiter? Pode trazer duas taças para nossas hóspedes? — Ele fez uma pausa, olhando para o rapaz. — Reiter? — Ele estalou os dedos.

Reiter se empertigou, afastando o olhar da aprendiz.

— Água. Sim, pai. — Ele pegou duas taças e abriu o alçapão no assoalho, mergulhando a concha em um dos barris de água.

Reiter ficou feliz por estar escondido atrás do balcão naquele instante. A companheira da mulher de armadura... Reiter lutou para dominar o sorriso. A aprendiz tinha os cabelos claros, quase loiros, e mais longos que os da mestra, e seus olhos eram radiantes. O modo

como a curva do seu queixo se desenhava... Ela até sorrira para ele, um sorriso frio, mas ainda assim real.

Ela gosta de mim, Reiter pensou.

Reiter entregou as taças às mulheres. Ambas beberam o conteúdo de um só gole. Ele ficou observando a hóspede mais nova. Ela lhe lançou um olhar inquisitivo. Ele desviou o olhar.

— Me sigam até o andar de cima e eu lhes mostrarei seu quarto — disse o pai de Reiter.

— Na verdade eu gostaria de ver a biblioteca agora — disse Anajinn. — Você tem livros que falem da cidade de Ureh?

Em pouco tempo a mulher retirara a armadura e seguira o pai de Reiter até a biblioteca, enquanto a aprendiz ficava no salão.

— Você tem um trapo e uma tigela de água? É melhor eu começar a limpar a armadura.

— Claro — respondeu Reiter. Ele pegou os itens atrás do balcão.

A aprendiz disse:

— Pensando melhor, não precisa do trapo. Eu uso a ponta da minha blusa.

— Não tem problema. A gente tem muitos.

— Você vai perder o trapo. Você não vai querê-lo de volta. Vou ter que queimar depois que terminar — disse a aprendiz.

— Tudo bem — disse Reiter, voltando com a tigela e o trapo. Ele deu seu sorriso mais simpático, o tipo que fazia a filha do dono do armazém bater as pestanas para ele — o nome dela era Bea. Reiter tratou de tirar Bea da cabeça. — A gente tem muitos.

— Obrigada — disse a aprendiz. Ela tinha uma técnica de limpeza estranha. Mergulhava dois dedos na tigela e deixava apenas algumas gotas de água molharem o tecido. Ela começou a esfregar o peitoral, uma placa espessa de metal com entalhes intrincados.

Reiter sentou-se ao lado dela.

— Precisa de ajuda?

— Não, obrigada.

O rapaz aquiesceu e chegou mais perto.

— O que significam esses símbolos? Eles parecem marcas Zakarum.

— E são.

Reiter ficou impressionado.

— É mesmo? Sua mestra é uma paladina? Eu já vi um monte de paladinos por aqui. Ela é mais bonita que a maioria. — E então, sentindo que a hora tinha chegado, ele acrescentou:

— Você também é.

Ela ofereceu outro sorriso frio.

— Anajinn não é uma paladina.

Reiter aquiesceu novamente. Ele não se importava de verdade.

— Vocês vão ficar muito tempo? — perguntou ele.

A aprendiz continuava a esfregar o trapo na armadura em círculos.

— Provavelmente não. Depende dela. Coisa de alguns dias. — Ela fez uma careta para uma mancha teimosa e respingou mais algumas gotas de água no tecido. Ela pressionou delicadamente o tecido contra a armadura. Depois de alguns instantes ela pareceu satisfeita e recomeçou a esfregar.

— Eu a ouvi dizer que está procurando por Ureh. Ela é uma caçadora de tesouro? Aparecem muitos caçadores de tesouro por aqui — disse Reiter. Ele se reclinou na cadeira com cuidado, relaxando a postura para passar confiança.

Ela olhou para ele.

— Caçadora de tesouro? Eu nunca pensei nisso dessa forma. É um termo quase bom. —
Com um último olhar para Reiter e sua postura ela voltou a trabalhar, sacudindo a cabeça.

— Meu nome é Reiter. Qual é o seu? — perguntou ele. Ela sorriu mas não disse nada. Ele esperou. O silêncio se prolongou. *Está bem*. O nome dela não era importante mesmo. — Se ela não é uma paladina, o que ela é?

— Uma cruzada.

— Ah, certo. Uma cruzada. Eu sabia disso — disse Reiter. Ela lhe lançou um misterioso olhar de soslaio. O sorriso de Reiter sumiu. Ela parecia saber que ele estava mentindo.

Outro período de silêncio. Reiter ajeitou-se no assento, nervoso.

Ainda assim, ela estava falando com ele. Aquele era o primeiro passo, não era?

No mês anterior, um grupo de guardas tinha se hospedado na taberna e passaram a maior parte do tempo consumindo as bebidas mais baratas que encontraram. Reiter tinha gostado da companhia deles. Um deles, um homem moreno e suado, vestindo uma túnica manchada e com áreas tomadas por rosácea entre os fios de cabelo ralo, se comprometera a ensinar a Reiter "as coisas da vida". A maior parte da conversa fora sobre como fazer "qualquer piteuzinho" — palavras do guarda— concordar com uma noite de companhia.

Se a moça entabular conversação, é porque está interessada. Se ela sorrir, é porque você já está quase lá, dissera o guarda, em sussurros bêbados. O hálito adocicado parecia ter

tomado as narinas de Reiter. *Faça ela pensar que vocês têm muito em comum, mantenha-a sorrindo e você leva. Se ela parar de sorrir, mude de assunto. Faça elogios.* Reiter surpreendera-se ao saber que podia ser tão fácil.

— Qual o seu nome? — Reiter perguntou à aprendiz outra vez. Não houve resposta. — Você tem que limpar muita coisa pra sua mestra? Meu pai me obriga a ficar sempre na faxina. — Ainda nada de resposta. Reiter continuou: — Meu pai sempre diz que a gente tem que ter a taberna mais limpa do Repouso de Caldeum.

— Interessante. — Ela raspou outra mancha difícil com a unha, então afastou a mão, como se tivesse se queimado, e murmurou para si mesma. Ela esfregou com força aquele pedaço de armadura com um pedaço de pano seco.

Reiter a observou de perto. Ela não estava mais sorrindo. Ele mudou de assunto.

— Se vocês já vêm viajando há muito tempo, talvez queiram um banho quente. A gente tem muitas banheiras nos fundos, e eu posso aquecer água pra você. Se você quiser.

— Talvez mais tarde.

— Não daria trabalho nenhum — insistiu ele, e depois disse, casualmente: — Acho até que estou com vontade de tomar banho com você.

A aprendiz parou de esfregar e encarou Reiter.

— Perdão? — disse ela.

Reiter sentiu o rosto arder. Em desespero ele procurou maneira de se explicar.

— Ah, mil desculpas! Eu esqueci que tem gente que considera isso imoral. É que no deserto é mais comum. Ajuda ter alguém perto para tirar a areia dos lugares difíceis. — Aquilo só piorou as coisas. O silêncio se prolongou uma vez mais...

— Aqui — disse ele, tomando o trapo das mãos dela. — Deixe eu ajudar você com isso. — Ele mergulhou o trapo na água rapidamente. Sua mão roçou pelos cabelos dela e ele sentiu um arrepio no braço. Sem hesitar, ele tocou a armadura com o trapo e começou a esfregar.

A aprendiz arquejou.

— Espere...

Quando Reiter encostou o trapo úmido na mancha, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. A aprendiz gritou. A tigela de água virou. A mesa *debaixo* da tigela virou. Fumaça vil com cheiro de enxofre e sangue podre encheu o ar. Reiter gritou e desabou da cadeira. A aprendiz pegou o peitoral e a arremessou para fora da porta com um movimento fluido. O peitoral voou e aterrissou em meio à tempestade de areia.

Antes de Reiter bater no chão, ele viu uma bola de fogo verde se expandindo rapidamente sobre o peitoral e desaparecendo em um clarão. Quando ele bateu no chão, a mesa caiu em cima dele, prendendo-o e fazendo ele perder o fôlego.

Gritando e chorando, Reiter forcejou por afastar a mesa. Braços fortes puxaram o peso do seu peito. Anajinn, a cruzada, olhou para ele com preocupação.

O pai de Reiter apareceu esbaforido, gritando:

— O que aconteceu?

— Excelente pergunta — disse Anajinn. A cruzada olhou para o peitoral lá fora no meio da tempestade, e depois olhou para a aprendiz, a quem encarou com dureza.

Para surpresa de todos, a aprendiz começou a rir. Ria com tanta força que seu corpo sacudia, e ela teve que se sentar para não cair no chão. O pai de Reiter parecia ultrajado.

— O que, em nome de Akarat, aconteceu com o meu filho?

A aprendiz enxugou as lágrimas e disse justo o que Reiter temia.

— Ele se ofereceu para tomar banho comigo. E então tentou limpar a armadura como pedido de desculpa. — Ela gargalhou mais. — Desculpe, Anajinn. Eu não esperava que ele tentasse jogar água em sangue seco de demônio.

— Ele fez o quê? — os olhos do pai de Reiter iam do filho para Anajinn. Reiter se encolheu.

— Sangue seco de *quê*?

Anajinn ainda olhava para a aprendiz.

— É verdade? — perguntou ela. A aprendiz prendeu o riso tempo suficiente para aquiescer com a cabeça. — Quanto? — A aprendiz fez um gesto com os dedos, do tamanho de uma pulga grande. — Ótimo. — Anajinn deu um suspiro de alívio. — Então não deve ter acontecido nada de ruim.

O pai de Reiter parecia presa de preocupação, raiva e medo.

— Ruim? O que meu filho fez?"

— Nada de terrível, pelo visto — disse Anajinn. — As caravanas que vão para Caldeum desaparecem às vezes? Sim? Acho que elas não terão mais problemas pelo menos por alguns anos. Pouco antes de a tempestade começar, nós encontramos um... ninho. Essas criaturas não gostam de água. Por motivos óbvios. O deserto era um bom lar para elas. — Franzindo o cenho, ela pegou outro pedaço da armadura, um guarda- pernas, e o examinou de perto. — Eu achava que tínhamos limpado tudo de perigoso, mas é difícil ter certeza quando se está cega de areia por três dias seguidos. — Ela fez uma mesura na direção do pai de Reiter. — Humildemente eu peço desculpas. Mesmo sendo pouco perigo, foi descuido meu.

Reiter viu a boca do pai se mover sem produzir som. Finalmente ele limpou o pigarro.

— Eu... entendo. Não foi nada. Eu também peço desculpas. Pelo comportamento do meu filho — disse ele, encarando Reiter.

— Ah, desculpas não são necessárias — disse Anajinn. — Se meu aprendiz está se engraçando para o seu filho, não vejo problema nisso.

A aprendiz suspirou.

— Não é nada diss...

— Não precisa explicar — interrompeu Anajinn, sorrindo. — Amor jovem. Tão bonito. Flores brotando na primavera. Rosas do deserto, essas coisas. Sabe, não há nada no juramento do cruzado que impeça você de...

— Meu juramento, não — grunhiu a aprendiz. — Mas meu bom gosto, sim...

A gargalhada escandalosa do pai seguiu Reiter até a despensa da taberna. Ele fez questão de evitar encontrar as duas mulheres pelo resto da estadia delas, que durou perto de uma semana.

Ele quase conseguiu. Em certo momento a aprendiz o procurou e tentou se desculpar pelo que dissera.

— O senso de humor de Anajinn está passando pra mim. De vez em quando nós... ficamos nos provocando, mas isso não é desculpa. Sinto muito pelo que eu falei.

Reiter grunhiu algo e fez um gesto como se dispensasse a atenção. Ela e a mestra pareciam loucas mesmo. *Sangue de demônio*. Ele sacudiu a cabeça. Aquilo devia ser mentira. Ou então era loucura.

— Mulher esquisita — disse o pai de Reiter, depois que elas foram embora. — Mas ela tem cabelo na venta, aposto. Disse que era uma "cruzada". História interessante. Ela veio das terras pantanosas. Veio para o deserto procurar alguma coisa de religião, algo assim. Você devia ter perguntado pra ela. É bem fascinante.

— É, acho que sim — respondeu Reiter.

II

— Não se esqueça de varrer — disse o pai de Reiter, fraco. — Um acesso de tosse sacudiu seu corpo frágil. Ele tapou a boca com as duas mãos mas Reiter ainda pôde ver o catarro escorrendo entre os dedos ossudos.

— Taberna... limpa...

— Pode deixar, pai. Termine a sopa — disse Reiter.

— Não... o gosto... não está bom ...

— Bea fez hoje de manhã especialmente para o senhor — disse Reiter, com mais paciência do que sentia. — O senhor precisa fiar forte. É pra tomar tudo.

Ele fechou a porta e voltou até o salão. O almoço tinha sido servido há horas, e só havia três fregueses pelas mesas: dois mercadores cansados discutindo o preço do vinho de Hespéria e o sujeito religioso a um canto lendo um livro grosso. Reiter foi para trás do balcão. Sua esposa estava amolando uma faca.

— Você pode levar mais chá para o meu pai? Ele não está se sentindo bem hoje.

— Posso colocar um pouco de mel? — perguntou Bea, com um olhar benévolo.

Reiter suspirou. Mel tinha ficado caro nos últimos meses. O mercador de Tristram estava atrasado. Reiter esperava que ele aparecesse até a semana seguinte; caso contrário, a Taberna Oásis ficaria sem mel.

— Melhor não. — Ao vê-la parecer contrariada, ele acrescentou: — Se não tivermos mel suficiente, nossos fregueses vão reclamar e nossa reputação vai decair. Meu pai não gostaria disso. — Bea pareceu ficar mais contrariada. — Aposto que ele mesmo diria pra não usar mel, se ele soubesse como estamos. Esta taberna é tudo pra ele. É o legado dele. — Reiter remexeu-se inquieto por um instante, depois ergueu as mãos, se rendendo. — Tá. Pode usar mel. Um pouco só.

O olhar de Bea ficou mais intenso, mas ela preparou o chá — com uma grande dose de mel — e desapareceu pelas escadas.

Reiter suspirou outra vez. Mesmo tendo cedido, ele tinha certeza de que ela traria o assunto à baila mais tarde. Ela parecia ter prazer em fazê-lo sentir-se por baixo sem motivo.

A porta da taberna se abriu. Passos ecoaram pelo salão. Reiter ficou olhando na direção das escadas por mais alguns instantes e então começou o discurso de boas-vindas:

— Bem-vindo à Taberna Oásis, meu bom senhor. Posso ajudar?

— "Bom senhor"? Pelo menos é melhor que "madame" — disse uma voz feminina, divertida.

Reiter se virou. A nova visitante estava usando uma armadura pesada, a mesma que ele vira há oito ou nove anos. Elmo, peitoral, escudo, maça, tabardo branco com um símbolo Zakarum bordado... era ela. O queixo de Reiter caiu.

A cruzada?

— Eu... desculpe-me, madame — disse ele, sem pensar.

Ela deu uma risadinha.

— "Madame"... meu nome é apenas Anajinn.

— Minhas sinceras desculpas... Anajinn — disse Reiter. Era esse o nome dela? Ela parecia diferente. Seus cabelos estavam mais claros e longos, seu queixo parecia mais definido, o nariz, um pouco menor. Estranhamente, ela também parecia mais jovem.

Ele podia sentir o olhar dos outros no salão. Era reconfortante saber que ele não era o único ameaçado por aquela presença.

— Você precisa de um quarto? A sua aprendiz também vai ficar? — Aprendiz. O estômago dele deu um nó. Imagens de uma mesa virada e de uma mancha problemática surgiram em sua mente. A vergonha ficou mais intensa e ele baniu a lembrança rapidamente.

— Eu só preciso de um quarto pra um. Eu ainda não encontrei uma aprendiz. Eu também gostaria de rever sua biblioteca.

Reiter a conduziu do salão até a biblioteca.

— Certamente. Nós temos a melhor biblioteca de... — ele se interrompeu, franzindo o cenho. *Ainda não encontrei uma aprendiz?* Anajinn tinha uma aprendiz da última vez. Mas parecia que Reiter estava se lembrando de tudo errado. Ele afastou o pensamento. — Nós temos a melhor biblioteca do Kehjistão. Fora de Caldeum, é claro.

Anajinn o acompanhou, e sua armadura retinia alto a cada passo.

— Já andei por uns trinta postos avançados neste deserto, e acho que você e seu pai têm razão — disse ela. — Vocês têm mesmo a maior biblioteca que já vi fora de uma cidade grande. Na verdade, nunca vi nenhuma assim, numa cidade como esta

— Foi ideia do meu pai — disse Reiter. — Repouso de Caldeum é pequena, mas quase todos que vão ou vêm de Caldeum pela rota sul param aqui. Por causa do oásis, sabe. É a última chance de obter água antes da parte realmente seca do deserto. Meu pai notou que havia muitos acadêmicos, eruditos e peregrinos que não queriam ficar na taberna mais pro fim da rua, e por isso ele criou algo que seria interessante pra eles. — Reiter não acrescentou o que tinha pensado: *"Desperdício de tempo e esforço"*. Havia muito mais dinheiro a ser feito com vinho e aguardente que com uma sala de leitura silenciosa para estudantes sem ter onde cair mortos. — Ele anunciou aos mercadores que estava disposto a comprar todos os livros que tivessem.

— Seu pai. Como está ele?

— Está morrendo.

Anajinn inclinou a cabeça demonstrando simpatia.

— Posso fazer algo para ajudá-lo? Posso vê-lo?

— Por esses dias ele não anda lúcido. Eu não quero deixá-lo agitado com lembranças antigas.

Anajinn olhou para ele por um instante.

— Como queira. — A porta da biblioteca estava à frente. — Vocês conseguiram muitos livros novos desde minha última visita?

— Acho que sim. — Reiter mesmo não tinha lido nenhum. Ele segurou a porta aberta. — Aqui estamos.

— Obrigada — disse ela.

Quando ela se afastou para ele passar, seus cabelos roçaram a mão de Reiter. Cabelos loiros, ele notou. Tudo retornou a ele naquele instante — a mestra, os cabelos castanhos, o nome.

— Você... você não é Anajinn. Você é a aprendiz!

Ela ofereceu um sorriso irônico.

— Não sou mais.

— Mas... a armadura... Você disse que seu nome era Anajinn!

— Esse é o meu nome — disse a mulher.

A confusão de Reiter tornou-se raiva. Parecia que ela estava se divertindo à custa dele.

Outra vez. — Esse era o nome da sua mestra!

— E é o meu nome. — Ela ainda sorria. — Isso é algo tão estranho assim?

— *Você...!* — Reiter abaixou a voz. — Você fala como se fosse ela — sussurrou ele. — Você está tentando me enganar? Já não me fez passar vergonha o suficiente?

— Eu não quis faltar com o respeito. Eu sou uma cruzada. Eu sou Anajinn — disse ela. — Como minha mestra. Como a mestra dela, antes disso.

— Todas vocês se chamam Anajinn?

— Quando eu peguei o escudo de minha mestra, assumi sua causa e seu nome — disse ela.

— Pegou o escudo? Por quê? O que aconteceu? A sua mestra... — "*Morreu?*" Reiter não queria saber. Ele mudou de assunto rapidamente. — Você ainda procura livros sobre a cidade de Ureh?"

— Não. Eu procuro informações sobre a biografia perdida de Tal Rasha.

— Eu... entendo. — Reiter não entendia. — Vou deixar você em paz. — Ele saiu rapidamente e voltou ao salão.

Bea estava esperando.

— Nova hóspede? — perguntou Bea. Reiter aquiesceu, rígido. — Quem é ela?

— Ela já ficou aqui, há anos. Acho que ela é louca — sussurrou ele para Bea, que o encarava, cética.

Reiter recolheu os pratos dos mercadores e levou outra jarra de água para o homem sentado na outra mesa. "Ela é louca", pensava Reiter, enchendo o copo do homem até a borda. "Ninguém em sã consciência pega o nome de outra pessoa... ninguém tenta viver a vida de outra pessoa. Isso não faz sentido." Ele se perguntou quanto tempo levaria para vender todos os livros da biblioteca depois da morte do pai. Seria melhor se a tal cruzada não tivesse mais motivo para retornar.

Uma voz severa interrompeu seus pensamentos.

— Taberneiro. — Era o homem cujo copo ele tinha acabado de encher. O tal religioso. — Quem é a mulher? A de armadura.

— Honestamente, não sei — disse Reiter. Era verdade. — Ela é bem esquisita.

O homem fechou o livro com força. Na capa havia um dos símbolos familiares da fé Zakarum. Era bem parecido ao símbolo que a cruzada portava. Pensando bem, o homem chegara à estalagem usando armadura também, não muito diferente da de Anajinn.

— Ela já esteve aqui?

Havia qualquer coisa no tom da voz do homem que desagradou Reiter.

— Uma vez. Há muitos anos. Eu era pequeno ainda — disse ele, esperando parecer desinteressado. — Eu achei ela bem esquisita. Não era muito razoável, mas era inofensiva.

— Então ele se perguntou se teria interpretado errado as intenções do homem. — Ela... ela é amiga sua?

— Não — respondeu o homem, com uma voz de gelo. — Não é razoável, é? E quanto a você, taberneiro? Você se considera razoável?

— Acho que sim.

— É mesmo? Por que um homem razoável daria abrigo a uma herege?

Reiter deu um passo para trás.

— O quê?

— Eu vi os símbolos na armadura dela. No tabardo. Esses símbolos não são mera decoração. - O homem se levantou e Reiter viu pela primeira vez sua estatura notável. — Eu

sou um paladino da Mão de Zakarum. Eu encontro e destruo a corrupção e a heresia onde quer que as encontre. — Ele enfiou o dedo no peito de Reiter. O taberneiro quase caiu para trás. — Eu não sinto a Luz nela. Tem outra coisa ali. Se você serve à fé, ela não pode ficar sob o seu teto. Você serve à fé, taberneiro?

— Sim, sim, é claro que sim — grasnou Reiter.

— Então por que você tolera a presença dela aqui?

Reiter tremeu diante do homem enorme. Ele jamais vira um paladino tão zangado assim.

— Eu hospedo a todos que andam nas graças da Luz. Como eu ia saber alguma coisa dela?

— Uma ideia ocorreu a ele. — Ela disse que era uma cruzada. Eu presumi que ela era fiel à sua ordem. Me perdoe — disse ele, se ajoelhando e se prostrando. — Eu temo que minha ignorância tenha me feito pecar gravemente. O senhor pode me perdoar? — Reiter prendeu a respiração.

Houve uma longa, longa pausa.

— Uma cruzada? Reiter deu uma olhada para cima: o paladino nem sequer olhava para ele.

— Esse nome... por que é que...?

— É só dizer e eu a expulso da minha taberna imediatamente — sussurrou Reiter.

O paladino parecia perdido em pensamentos.

— Sim. Diga para ela me encontrar aqui em frente. Eu mesmo examinarei as intenções dela.
Se for preciso, eu cuido dela.

Ele subiu as escadas, levando o livro.

Reiter se levantou trêmulo, enxugando o suor da testa. "Tudo bem", pensou ele. Anajinn podia se virar com o paladino. Lá fora. O mais longe da taberna que fosse possível. Ele podia ver os passos pesados do paladino no andar de cima. O retinir de metal indicava que ele estava vestindo a armadura. Reiter tremeu.

Mas ele não queria que Anajinn soubesse o quão assustado ele estava. Ela já o vira ser humilhado por água e sangue seco. Ele decidiu que não. Ele simplesmente diria a ela que partisse. O resto não importava. Ali era a taberna de Reiter — ou seria, quando seu pai morresse — e ele queria ela fora dali. Isso era razoável.

Anajinn estava lendo um tomo grosso quando ele entrou na biblioteca.

— Anajinn, ou seja lá como e o seu nome, você tem que ir embora.

Ela olhou para ele, virou a página, depois voltou a seguir o texto com o dedo.

— Eu ouvi alguém zangado lá fora — disse ela.

— Tem um homem... um paladino. Ele disse que você é herege.

Ela riu.

— Obviamente. — Ela continuou lendo. Reiter gaguejou incoerentemente por um instante.

— Ele ameaçou me matar?

— Bom, não... sim. — Reiter tentou firmar a voz. — Acho que ele quer matar você. Ele está esperando por você lá fora.

— Que simpático ele mandar você me avisar.

Ela continuou a ler. Reiter se mexeu, desconfortável. — Você não vai... falar com ele?

— Mais tarde. Se ele ainda estiver lá. Acho que ele vai ter que esperar um pouco. Eu tenho muita coisa para ler. Talvez ele encontre algo melhor pra fazer.

Reiter se sentiu impotente. Arrastá-la para fora não parecia boa ideia. Mas ele insistiu.

— Anajinn, eu quero que você saia da minha taberna. Agora. — Ela não respondeu imediatamente e Reiter explodiu. — Qual é o seu problema? O que tem de mais importante nesse livro do que alguém que quer matar você? Por que infernos você voltou aqui?

Anajinn suspirou e fechou o livro, empertigando-se. Sua armadura retiniu suavemente. —

Seu pai perguntou à minha mestra...

— A Anajinn verdadeira? A primeira? — Reiter interrompeu sem pensar.

Anajinn não pareceu se ofender.

— Sim, ela. Mas ela não foi a primeira. Anajinn começou sua cruzada cerca de duzentos anos atrás. — Reiter pareceu se espantar, mas ela continuou. — Seu pai perguntou tudo sobre a nossa cruzada. Ele não falou nada com você? — Reiter sacudiu a cabeça, apertando os lábios. — Então serei breve. Eu procuro algo para salvar minha fé.

— Salvar... de quê?

Anajinn sorriu tristemente.

— Da decadência. Da corrupção.

— Então porque esse paladino odeia tanto você?

— Você ficaria feliz se alguém dissesse que sua fé tem uma falha essencial? Que está condenada a apodrecer e causar dor e sofrimento imensurável? — Ela suspirou. — Eu acho que esse paladino aí fora não tem patente alta. Apenas os líderes da ordem sabem sobre a cruzada. Se ele fosse alguém importante, não estaria esperando tão pacientemente.

— O que ele faria?

— Destruiria sua taberna para me matar. — A expressão de Anajinn endureceu. — Não sei se conseguirei convencê-lo. Se não puder, provavelmente terei que sair da cidade. Então, até eu estar pronta para partir, irei continuar lendo.

— Mas ele ameaçou me matar também! — Pronto. Ele tinha falado.

Uma pausa.

— Ameaçou?

— Bom, não explicitamente...

Anajinn o interrompeu.

— Mas você se sentiu ameaçado. — Não era uma pergunta. Anajinn fechou o livro. — Então eu vou partir imediatamente. Não quero que você se arrisque por minha causa.

— Mas este livro aqui — disse ela, mostrando o livro que estava lendo. — Você pode vendê-lo? Eu posso pagar bem.

Reiter a encarou.

Amphi sentia a paciência diminuir a cada batida de coração, como grãos de areia passando pela parte mais estreita de uma ampulheta. O vento soprava forte pela estrada à frente dele, arremessando areia contra sua armadura.

— Cruzada — murmurou o paladino. Ele não se lembrava da primeira vez em que ouvira o nome. Talvez tivesse lido a respeito? Estudado a respeito em sua época de acólito em Kurast? Não. Ele tinha certeza. Então por que o nome o incomodava tanto? Os Cruzados não eram amigos da ordem de Amphi. Isso ele sabia, mas sabia também que aquilo não era tudo. Os símbolos da armadura da mulher tinham sido gravados com cuidado reverente. Não havia nenhuma blasfêmia óbvia. Ela não era um palhaço, nem era um dos atores que pintam símbolos Zakarum no corpo e ficam saracoteando pelas tabernas de má reputação.

Cennis. Eis um nome no qual Amphi não pensava havia anos. Um dos seus melhores amigos nos templos de Travincal. Ele tinha uma sede insaciável por conhecimento. Talvez fosse isso. Cennis entrara escondido na sala de estudos de um dos anciãos da Mão de Zakarum e roubara um livro. Empolgado, ele contou a Amphi tudo o que aprendera, coisas que nunca tinham sido ensinadas aos estudantes. Ele até estava com um pouco de medo. Ele encontrara conhecimento secreto, crimes ocultos. Fraturas na fé. Estranhamente, Cennis desaparecera pouco depois, e Amphi...

O que tinha acontecido com Cennis? Amphi ficou mais zangado. Era um sentimento familiar. Sempre que ele pensava em sua infância, ódio e raiva inundavam sua mente. Era como se as memórias estivessem enterradas em uma fossa tóxica, coberta de vileza. Logo sua curiosidade afundava-se em um redemoinho de fúria e...

A cruzada. Amphi podia sentir a paciência se esgotando com cada batida de coração, feito grãos de areia. Ele apertou a cabeça com as mãos e piscou. Sobre o que ele tinha pensado

agora há pouco? Um amigo de infância? Era isso. Ele procurou esquecer. Havia coisas mais importantes em que se concentrar.

— Você queria falar comigo? — A voz trouxe Amphi de volta ao presente. Ali estava ela.

Amphi viu pessoas correndo para dentro de casa por toda a rua. Viajantes e nativos procuravam abrigo. Amphi os considerou sábios. Ele percebeu abruptamente que a mulher estava olhando para ele de um jeito estranho, com a cabeça inclinada para o lado.

— Você está se sentindo bem, paladino?

— Diga-me seu nome — respondeu ele, ríspido. — Diga-me quem você é, se o mal que a compele...

— Meu nome é Anajinn. Eu sou uma cruzada. — Ela ergueu uma sobrancelha. — E espero que possamos conversar calmamente.

— Eu não negocio com o mal. Eu o elimino onde o encontro — retorqui Amphi.

— Ótimo — respondeu Anajinn, alegremente. — Então temos algo em comum. Mas acho que nada será eliminado hoje. O que o incomoda?

Amphi sacou a espada em um movimento ágil. O olhar dela não vacilou, irritando-o ainda mais.

— Você é uma herege, não é?

— Não sou.

— Você diz professar minha fé? — rugiu ele. — Você obedece à fé Zakarum?

— Não como você diz — respondeu Anajinn. Ela fez uma pausa e o encarou com simpatia.

— Nós temos muito em comum, paladino. *Muito* em comum. Nós dois queremos as mesmas coisas.

Amphi cuspiu no chão. Por que as palavras daquela mulher doíam em seu íntimo? Ele mal conseguia se impedir de atacá-la imediatamente. A urgência ficava mais forte, mas ele resistia, e disse, com um fio de voz:

— Esses símbolos que você usa. Eles são sagrados. Você não tem direito de usá-los.

A cruzada sacudiu a cabeça.

— Não é isso que o incomoda, é? Diga-me o que sabe de mim.

— Você conspurca minha fé — disse ele.

— Como?

— *Eu... não... sei* — grunhiu ele.

— O que eu sei é o seguinte — disse Anajinn. — Eu sei que o mal pode vicejar em qualquer parte. Em qualquer parte mesmo. Mesmo entre os que dizem ser da virtude e da justiça. Especialmente se não se resguardarem.

— Fique quieta — sussurrou Amphi. Ele sentia o controle sobre a raiva se esvaír.

— Eu sei que o caminho que o trouxe até aqui é repleto de remorso — continuou ela. — Eu sei que você preza a virtude, e sei que você suspeita de algo errado em sua fé. Eu sei que você lutou para compreender isso, e mais importante, eu sei que você é forte, pois ainda não sucumbiu ao mal.

— Por favor, pare de falar — implorou Amphi. Ela estava certa. Sobre tudo. Houve incontáveis momentos em que ele questionara as ações da ordem. Seus pensamentos se desordenaram.

— Eu sei que você sentiu a glória da Luz, ou você teria abjurado — disse ela. — E eu sei que você a sentiu nos campos, no mundo, entre as pessoas... mas nunca em Travincal. Nunca nos templos da sua ordem. E eu sei que você sabe por quê. Bem dentro do seu coração você sabe. Mesmo que as respostas tenham sido escondidas de você.

Dor pulsava entre os olhos do paladino. Silenciosamente ele baixou a cabeça. Uma tempestade rugia dentro dele. Ele se afundou em sua fúria e procurou a verdade.

Ele viu uma pedra. Trevas a cercavam.

Algo cedeu. O tumulto desapareceu em um instante.

Ódio. Ódio o substituiu. Ódio puro e selvagem.

Amphi apontou a espada para a cruzada, sentindo clareza de propósito pela primeira vez desde que pusera os olhos nela. Ele ergueu as mãos acima da cabeça e evocou o poder da Luz.

— Chega de falar, herege. Morra!

Anajinn aquiesceu simplesmente.

— Que seja.

Ela deu um sorriso triste enquanto Amphi começava a atacá-la.

Reiter não pôde ouvir as palavras do paladino, mas não havia dúvida de que a expressão em seu rosto ficara hostil. O filho do taberneiro continuou a espiar pela janela da frente da taberna. Um instante depois, Bea se juntou a ele.

— Volte para dentro — sussurrou ele. — Não é seguro.

— Você primeiro — disse ela. Reiter a fulminou com um olhar, mas um clarão de luz atraiu sua atenção de volta para a rua.

Bea inalou profundamente. Reiter se encolheu. O paladino evocara... alguma coisa... que brilhava como o sol do meio-dia. O homem segurava o clarão acima da cabeça. Ele gritou alguma coisa para Anajinn e então lançou a luz na direção dela.

Antes do impacto, Reiter viu Anajinn sorrir.

Houve um som tremendo e uma grande nuvem de fogo se insuflou e soprou no local em que Anajinn estivera alguns momentos antes. Não havia sinal da cruzada.

Mas apenas por um instante.

Luz se abateu do alto, um raio de puro poder luminoso, que Anajinn arremessou na direção do paladino. Ele não viu o que atingiu, e depois não viu mais nada.

Reiter gritou de medo e tropeçou para trás, protegendo os olhos com os braços do clarão cegante. Quando ele abaixou os braços, a mancha arroxeadada do raio ainda dançava em sua visão. Piscando com força, ele apertou os olhos. Anajinn postava-se sozinha, calma, e sua maça balançava devagar ao seu lado.

Havia muitos sinais da presença do paladino. Muitos, espalhados por uma grande distância. A areia ao redor de Anajinn parecia úmida.

Reiter começou a tremer. Bea tapava a boca com as mãos. Reiter ficou olhando sem reação enquanto Anajinn enfiava o cabo da maça no anel da armadura. Ela deu uma última olhada

na direção da taberna, e então partiu para o oeste, indo pela estrada, saindo de Repouso de Caldeum com o sol como guia.

Completo silêncio a acompanhou. A cidade a viu ir embora com a respiração presa.

Reiter ouviu barulho no andar de cima. Vindo do quarto do pai. Reiter correu até o segundo andar e abriu a porta.

— Pai, o senhor está bem?

O pai não se sentia tão vivo em meses. Ele estava olhando pela janela, e seus olhos seguiam Anajinn, que sumia ao longe no deserto.

— É ela, não é? A que veio aqui daquela vez! Bem que ela podia ter subido pra me ver. Eu sabia que ela tinha cabelo nas ventas. Ela cuidou direitinho daquele mequetrefe, hein?

— É, acho que sim — respondeu Reiter.

III

— Eu não sou um herege. Eu trilhei o caminho da fé a vida inteira. — Reiter lutou para controlar a voz. Três rostos impassíveis o encaravam. Ele não sabia se acreditavam nele. — Eu sou apenas um humilde servo que espera viver obedecendo as palavras do sábio profeta Akarat. Eu posso tropeçar de vez em quando, mas...

O menor dos paladinos, um homem calvo e magro com um rosto chupado, o interrompeu.

— É exatamente isso que nos preocupa. Você parece ter tropeçado — disse ele, empurrando o taberneiro. — Você deu abrigo a um inimigo da fé, e um dos justos morreu tentando consertar isso. Um dos nossos irmãos.

— Não, não! — Reiter arquejou e o paladino o bateu contra a parede. As tábuas rangeram com o impacto. — Quando o seu irmão pediu ajuda, eu o ajudei. Sem hesitar!

— Com Amphi morto, só temos sua palavra quanto a isso — disse o segundo paladino. — Mas nós sabemos que, de todos os prédios neste fim de mundo esquecido por Akarat, foi neste aqui que a herege decidiu descansar.

— Eu não sei o que se esconde no coração de quem passa pela minha porta — implorou Reiter. A mão do primeiro paladino espremeu seu ombro. Forte. Reiter gritou de dor. — Eu não estou escondendo nada! Eu contei tudo de que me lembro sobre ela, e ela não vem aqui há anos!

O terceiro paladino falou finalmente:

— Ele nos disse o nome dela. Anajinn. Isso é mais do que sabíamos.

O primeiro paladino sacudiu a cabeça.— Ainda acho que ele está escondendo alguma coisa.

— Ele manteve Reiter preso à parede com uma das mãos e ergueu a outra diante do rosto do taberneiro. Uma luz bruxuleante dançou entre seus dedos. — Eu quero que ele entenda que estou falando sério. — Inutilmente, Reiter tentou se soltar. Faíscas saltavam do punho do paladino. Uma pousou no nariz de Reiter e ele gritou de dor.

— Chega, Cennis — disse o terceiro paladino. — Se os relatórios são verdadeiros, se a cruzada está nesta área, nós a encontraremos. Ela não poderá se esconder no deserto para sempre sem visitar este oásis. Não é necessário atormentar mais esse tolo.

— *Não* me questione. Eu estou no comando. — O primeiro paladino levou a mão mais para perto do rosto de Reiter.

O segundo paladino agarrou com força o braço do primeiro.

— Chega. — Os dois ficaram se encarando um longo instante. Reiter, tentando conter as lágrimas, temia que eles comessem a lutar. Isso era bem menos assustador que os dois se unindo contra ele.

— Muito bem — disse o primeiro paladino, e soltou Reiter. O taberneiro caiu de joelhos, segurando o ombro esquerdo e arquejando. Muco pingava do seu nariz para o chão. —

Talvez você esteja certo. As notícias de Travincal, os templos... talvez eu esteja sendo um pouco precipitado, mas não irei me desculpar.

— Não é necessário — disse o segundo paladino. — Afinal, mesmo sem saber ele *deu* abrigo a ela. Presumo que ele não repetirá esse erro.

Reiter sacudiu a cabeça em desespero:

— Não, nunca.

— Muito bem — disse o primeiro paladino. — E se você vir essa criatura ímpia outra vez, irá nos informar sem hesitar. — Ele se inclinou e seu nariz quase tocou o do taberneiro. —

Você entendeu?

— Sim. Sim!

Os três paladinos se viraram e saíram da taberna. Não havia fregueses no salão. Reiter estava sozinho, arquejando e choramingando.

Uma voz hesitante falou:

— O senhor está bem, papai?

Reiter fungou uma última vez, enxugou os olhos e se virou para encarar a filha, Lilsa.

— É claro. Eu estou bem. Foi só areia no meu olho. Acabo parecendo um tonto. — Ele se levantou e se forçou a sorrir. Ela tinha acabado de fazer quatro anos, mas já se mostrava mais inteligente que as crianças com o dobro da idade. — Aqueles moços bonzinhos decidiram passar a noite em outro lugar.

Ela mordiscou a unha de um dedo antes de responder:

— Eles não pareciam bonzinhos.

Reiter se forçou a rir.

— Acho que não eram. — Ele enxugou os olhos outra vez. — Onde está sua mãe?

— Lá atrás com as moças bonitas de roupa de ferro — disse Lilsa.

As palavras, ditas com total inocência, o fizeram congelar. Reiter sentiu o sangue fugindo da face.

Não era possível. Não podia ser.

Ele se ajoelhou rapidamente, quase colando o rosto ao da filha. Ela recuou ao ver a expressão dele e Reiter tentou sorrir mais uma vez.

— Que moças bonitas, Lilsa? — ela se afastou dele. Talvez seu sorriso não tenha sido muito convincente. — Que moças, Lilsa? É importante — repetiu ele.

Ela arregalou os olhos.

— Duas moças. Acho que uma delas está ferida — Lilsa disse finalmente.

Reiter ergueu Lilsa gentilmente e atravessou o depósito, abrindo a porta dos fundos. O sol do deserto atacou seus sentidos, mas não havia dúvida quanto ao que estava vendo: Três mulheres se sentavam no longo banco de madeira que ficava nos fundos da taberna.

Sentada de um lado estava Bea, com um trapo úmido na mão. Do outro lado uma jovem que Reiter jamais vira antes. No meio estava...

... ela.

— O que você está fazendo aqui de novo? — sibilou Reiter, em pânico, colocando a filha no chão.

— Ela está ferida, Reiter — disse Bea. — Fique calmo.

— Eu não me importo! Minha taberna foi invadida por causa dela. — Reiter voltou-se para Anajinn, que estava com a cabeça abaixada, respirando lentamente. — Você trouxe seus inimigos para minha taberna, cruzada, e... — Reiter se calou, fazendo uma careta. A terra sob o banco estava úmida. Sangue pingava de debaixo da armadura. — O que aconteceu?

A jovem respondeu. Ela parecia ter a mesma idade que Anajinn — aquela Anajinn — tinha quando Reiter a viu pela primeira vez. — Nós topamos com encrenca ontem no deserto e Anajinn não conseguiu se esquivar. — Ela removeu com cuidado o peitoral da cruzada.

Reiter arquejou. Um rasgão furioso se abria de um lado a outro do abdome de Anajinn. — Feridas de armas demoníacas não curam tão facilmente.

Reiter sentiu a filha agarrando sua perna.

— Demônios?

Anajinn falou em uma voz arrastada.

— Não precisa se preocupar com isso. Nós cuidamos de tudo.

A jovem fungou.

— Quase que eles cuidaram de você, isso sim. Preciso tentar curar você de novo. — Ela se ajoelhou diante de Anajinn e abriu um livro grosso, um tomo antigo escrito numa língua esquecida. A aprendiz marcou um lugar na página e mostrou para Anajinn. — É pra começar aqui?

— Sim — disse Anajinn. — Foco. Concentração. Use sua fé.

Reiter olhou para as duas, confuso.

— Eu não entendo... o quê... — Bea fez um gesto e ele silenciou.

A cruzada não disse mais nada. A aprendiz começou a falar, recitando uma antiga lei da fé Zakarum. Reiter fez uma careta. De que adiantaria um sermão numa hora daquelas?

Embora ele tivesse que admitir que as palavras de sabedoria vinham em boa hora. O dia pareceu um pouco mais brilhante, mais cálido. Convidativo. Reiter ergueu o olhar maravilhado. Era como se a Luz estivesse brilhando sobre todos eles.

A aprendiz terminou a passagem e fechou o livro.

— Pronto — disse ela.

Anajinn levantou a cabeça e ficou de pé. Ela pareceu instável por alguns instantes, mas afastou a mão que a aprendiz. Ela movimentou os ombros e se espichou. Sua blusa ainda estava manchada de vermelho, mas não havia sinal de sangue fresco.

— Muito bem — disse Anajinn. A aprendiz sorriu.

Reiter piscou. A ferida da cruzada tinha sumido. Como se nunca tivesse existido.

— O... o quê...? — Ele se recompôs. — Não importa. Vocês têm que sair agora.

— Reiter — disse Bea, em um tom de aviso, mas ele sacudiu a cabeça e continuou:

— eu tenho uma filha; uma esposa grávida. E tenho que proteger a taberna — disse ele. — Há três paladinos — espero que sejam só três! — na cidade, e eles sabem que vocês estão por perto. Saiam da minha taberna em paz. Por favor.

Reiter esperava uma discussão. Esperava que Anajinn objetasse. Mas ela apenas aquiesceu e vestiu o peitoral, cansada.

— Sinto muito que tenham incomodado você. O coração deles era bom, mas nas últimas semanas eles se perderam. — A aprendiz entregou a espada embainhada e a maça da cruzada. As armas pendiam naturalmente da armadura; finalmente Anajinn pegou o escudo. — Cuidado com os que vêm de Travincal. Algo sinistro aconteceu lá. Eles podem estar instáveis.

— Eu sei disso, cruzada — retorquiu Reiter. — Um deles quase arrancou minha cabeça. Eles me culpam pelo que você fez! Eles acham que eu sou responsável pela morte daquele paladino.

Anajinn estacou.

— Acham?

— Sim! — Reiter se inclinou na direção da mulher, e seu rosto corou de raiva e embaraço.

— Você veio para a minha taberna. Não pra de outra pessoa. Pra minha. Eles acham que isso me torna culpado. Disseram que achavam que eu estava escondendo alguma coisa.

— Onde eles estão agora? — perguntou Anajinn, serena.

— Eles não são mais meu problema. Parece que eles iam vasculhar o resto de repouso de Caldeum. — Reiter se afastou, satisfeito com a expressão no rosto da cruzada. — então. Você já me causou problemas demais. Eu quero você fora da minha taberna. Agora.

Anajinn e a aprendiz se entreolharam com expressões inescrutáveis e então a cruzada pousou a ponta do escudo na areia outra vez.

— Nós não podemos partir.

— Ótimo — disse Bea. — Vocês duas precisam descansar antes.

O queixo de Reiter caiu.

— Bea!

Ela o encarou com ar de desafio.

— Nós temos muitos quartos vazios. Não estamos com hóspedes. Dá para elas descansarem umas duas noites aqui.

— Os paladinos!

— O que tem eles? Eles foram embora. Elas duas vieram do sul. Do deserto, não da estrada principal...Ninguém as viu. Vamos colocar estrados no outro depósito e empilhar caixas de nabos e charque na frente da porta. Se os paladinos voltarem, não vão saber que tem um cômodo ali. Você pode até deixar que vasculhem tudo. Foi o que fizemos quando os bandidos apareceram no ano passado. Você achou que era uma excelente ideia.

— Há um problema maior — disse Anajinn. Bea e Reiter se viraram para olhar para ela. — Os paladinos vão voltar, e não vai importar se nos virem ou não.

— O quê? Por quê? — perguntou Reiter.

— Eles já culpam você. — A voz de Anajinn era fria. — Eles não estão bons do juízo. Há uma grande chance de que, quando não encontrarem nada na cidade, eles voltem aqui para descontar a raiva em você. Ou nos outros. É o ódio que os impele, não o propósito divino. Você e sua família estão em perigo, taberneiro.

— Por sua causa!

— Sim — disse ela. — E eu não abandonarei vocês e a cidade à mercê deles. Se você não quiser que nós protejamos a taberna daqui, minha aprendiz e eu nos instalaremos no deserto, onde não podem nos ver. Se nós ouvirmos ou pressentirmos...

— Ah, não seja ridícula. Vocês vão ficar bem em nosso depósito — disse Bea. Ela interrompeu as imprecções raivosas de Reiter com um olhar severo. — Não vai ser incômodo. Deixe eu falar com meu marido um instante.

Reiter permitiu que a esposa levasse ele e a filha para dentro, onde a criada não podia ouvi-la, e começou a disparar em sussurros zangados:

— Perdeu a cabeça, Bea? Aqueles paladinos vão nos matar!

Bea esperou até ele terminar.

— Lilsa, você pode ir para seu quarto um minuto? — A menina subiu as escadas, sumindo de vista. Bea se aproximou de Reiter e seu tom era cheio de desprezo. — É isso que você

quer que sua filha veja? O pai mandando duas pessoas — uma das quais está ferida! — para o deserto porque tem medo do que três estranhos vão pensar?

— Isso é injustiça sua. Anajinn trouxe a morte para cá, e não importa o quanto aqueles homens a odeiem, eles não vão nos matar só porque ela se hospedou aqui há seis ou sete anos. Não a menos que eles a encontrem mesmo aqui. Pense em Lilsa. Pense no que vai nascer. — Reiter pôs a mão gentilmente na barriga de Bea. — Nossos filhos precisam que Anajinn vá embora. Seja razoável.

Bea olhou para a mão de Reiter e ergueu o olhar para encontrar o dele.

— Então você vai acreditar nos paladinos, e não em Anajinn?

— Como eu disse, tenho certeza de que Anajinn está exagerando — disse Reiter.

Ela afastou a mão dele de sua barriga.

— Aqueles homens ameaçaram matar você. Anajinn tratou você com bondade e honestidade. — Ela apertou os olhos. — Eu não sei por que você a odeia tanto assim, mas eu acredito nela. Se os paladinos quiserem nos prejudicar, nós precisamos dela aqui. Para proteger nossos filhos. Isso não é *razoável*? — Ela se virou, afastando-se, mas ainda disse, por cima do ombro:

— Seu pai tinha muitos defeitos, mas não era covarde. Ele teria vergonha de você agora. — Ela saiu para falar com as outras mulheres.

Reiter sentiu-se enjoado. *Ela não entende. Ela vai nos fazer morrer.* Ele podia ouvir armaduras tilintando ali fora; a cruzada se preparava para entrar. Ele correu para o salão. Não queria vê-la e precisava pensar.

Meu pai teria vergonha? Reiter fez uma careta. Seu pai certamente tinha uma queda para a caridade, que ele nunca sentira, mas acima de tudo ele era um homem pragmático. Um homem razoável.

Mas Reiter teve que admitir que Bea estava certa sobre uma coisa: os paladinos podiam retornar. Ele tremeu.

Talvez Anajinn e a aprendiz pudessem enfrentá-los. Ele vira o que ela fizera ao outro paladino muito anos antes. Reiter não tinha entendido, mas tinha visto.

Mas ele se lembrou de que naquele dia ela estava saudável. Descansada. Confiante. Agora era diferente. Ela estivera à beira da morte há apenas alguns minutos. Não importa o quão poderosa fosse a aprendiz, ou o quão bem lutassem juntas...

Ela não pode derrotá-los, Reiter pensou. Apenas um paladino que sobrevivesse e sua família enfrentaria as consequências.

Informe-nos sem hesitar, o paladino Cennis lhe dissera.

Reiter se levantou. Aquela era a saída, ele compreendeu, sentindo um pouco de esperança. Os paladinos podiam não ter sido razoáveis com ele, mas depois que encontrassem Anajinn,

certamente se acalmariam. E se Reiter os levasse até ela, eles saberiam que ele falara a verdade ao dizer que não queria ajudá-la. Talvez até o louvassem por ele ser tão prestativo.

Mas Anajinn... ela e a aprendiz morreriam. *Antes elas que a minha família*, pensou ele com firmeza. E assim ele saiu silenciosamente da taberna.

Repouso de Caldeum não era um lugar muito grande. Reiter estava certo de que conseguiria encontrá-los. Ele foi na direção oeste. *Informe-nos sem hesitar*. Seus passos calmos ficaram mais rápidos. Então ele começou a andar mais rápido.

Logo estava correndo.

O ferreiro não retardou sua velocidade de trabalho enquanto conversava.

— Entendi, meu bom senhor. — Faíscas voavam sempre que seu martelo batia na bigorna.

— Se uma mulher de armadura estranha aparecer...

— Se *qualquer* mulher aparecer... retorquiu Cennis. — A herege pode tentar se disfarçar.

Ela vai tentar enganar você, levá-lo ao pecado.

— Sim, meu bom senhor — disse o ferreiro. — Se qualquer mulher aparecer, é para eu avisar o senhor ou um dos seus irmãos. — Ele apanhou a placa fina de metal rubro e a examinou de perto. Com um grunhido, ele a colocou de volta na bigorna e começou a martelar as beiradas novamente. — Mais alguma coisa, meu bom senhor?

Os dedos de Cennis tremeram.

— Olhe para mim quando eu falar com você, ferreiro — disse ele, suavemente.

— É claro — disse o ferreiro. — Ele lançou um olhar rápido ao paladino e voltou ao trabalho. — O que o senhor disser, senhor.

Não havia nenhum traço de zombaria na voz do homem, mas Cennis sentiu a raiva esquentar em seu peito. Ele chegou mais perto do ferreiro.

— Eu estou distraíndo você? Estou atrapalhando o seu trabalho?

— Não, meu bom senhor, eu estou prestando atenção — disse ele. Ele encarou os olhos de Cennis e piscou, vendo algo perigoso neles pela primeira vez. Com um suspiro profundo, ele atirou o metal de qualquer jeito em um barril de água. Vapor se ergueu com um sibilo zangado. — Desculpe-me. O que mais o senhor quer saber, meu bom senhor?

— O que você está fazendo? — perguntou o paladino, inocentemente.

— Um raspador de barril. É pro taberneiro no final da rua.

— O dono da Taberna Oásis?

— É ele.

Cennis aquiesceu calmamente.

— Eu entendo. — E entendia mesmo. Entendia mais do que aquele tolo podia suspeitar. *A cidade toda está de conluio. Vivem em pecado juntos.* Eles mereciam ser castigados juntos.

Uma ideia maravilhosa ocorreu a ele. O paladino olhou ao redor; seus companheiros estavam em outra parte, interrogando outras pessoas. Ótimo.

— E se você tivesse visto a herege, iria me avisar, certo?

— É claro, meu bom senhor.

— Eu não acredito em você.

O ferreiro franziu o cenho. Cennis ergueu a mão casualmente como se inspecionasse algo na manopla. Mexendo os dedos, ele se inclinou sobre a bigorna. O ferreiro deu um passo para trás por instinto. *Está com medo de um servo da Luz? O que você está escondendo?*

— Eu quero que você saiba que estou falando sério — disse Cennis. Ele fechou o punho e a Luz o preencheu. Uma forma brilhante apareceu entre os dois homens. — Tenho certeza de que você sabe fazer bons barris. E quanto a martelos?

O ferreiro tropeçou para trás. Mesmo seus olhos pecaminosos não se enganariam quanto ao martelo de pura Luz suspenso no ar. Estranhamente, o olhar do homem ia de um canto a outro do local. Cennis seguiu o olhar mas não viu nada de interessante. Talvez as sombras parecessem um pouco estranhas. Crescendo e mudando. Cennis se lembrava de quando um

martelo abençoado da Luz conseguia banir todas as sombras. Parecia há tanto, tanto tempo. Uma vida inteira no passado. Quando ele era criança.

Cennis levou a mão à testa e franziu o cenho. Sua cabeça doía. O martelo vacilou e desapareceu. Pensar sobre sua infância trouxe dor e interrompeu sua concentração. Ele fez uma careta e procurou esquecer. Anos e anos no passado. Não era relevante agora. O martelo reapareceu.

— Meu bom senhor — a voz do ferreiro tremia. — Eu...

Cennis girou o martelo levemente. A bigorna foi arremessada para diante em uma explosão. O ferreiro caiu agarrando a barriga e gritando, com um pedaço de metal enfiado nas entranhas.

— Sinto muito, *meu bom senhor* — disse Cennis. — Você dizia...? — A expressão no rosto do homem era deliciosa. Impotência total. Medo completo. Cennis susteve o martelo brilhante a alguns centímetros do ferreiro. — Por que você não me diz o que sabe sobre a herege, de verdade?

O ferreiro implorou. Ele chorou. Jurou que não sabia de nada. Clamou pela misericórdia de Akarat. *Um pouco tarde para isso*. Que criatura ímpia era aquela que continuava a mentir assim? O que ele vira que se recusava a contar? Cennis hesitou. Talvez medidas mais extremas fossem necessárias. Ele se esticou um pouco na direção do rosto do ferreiro e ...

Os gritos do outro homem cessaram. Seus olhos, arregalados, refletiam a Luz do martelo de forma interessante. De forma pura. Imaculada por íris ou pupila.

Então vermelho apareceu, arruinando os globos perfeitamente brancos, acumulando-se sob as pálpebras do homem. Cennis observou, fascinado. Dois estouros e depois uma gosma vermelha escorreu pelas bochechas do homem, seguidas por pequenos veios de um fluido branco. Ainda assim o homem não gritou. Sua língua estava paralisada de terror.

Cennis compreendeu de súbito o que tinha feito. Aquele homem não conseguiria responder mais perguntas por horas, talvez até mesmo dias. Ele se repreendeu. *Que desperdício.*

Sacudindo a cabeça, o paladino usou a Luz e removeu a língua do ferreiro com um puxão rápido. Ele nem precisou usar as mãos. A carne rosada caiu no chão arenoso e finalmente o ferreiro gritou, um som sem palavras, torturado. Cennis não interferiu. Aquela era uma boa ideia. A cruzada estava por ali; disso ele tinha certeza. Mas que abrigo ela encontraria se a cidade estivesse repleta de cegos e mudos? E eles mereciam isso por darem abrigo a uma herege anos atrás. Sim, ele decidiu. Iria de porta em porta...

— Que Akarat nos salve. — Um sussurro soprado na entrada da ferraria. Cennis se virou calmamente. O taberneiro. *Aquele* taberneiro. Ele encarou o ferreiro, que continuava a chorar.

— Akarat não pode salvar você — Cennis disse ao taberneiro. — Ninguém pode.

— Eu... — Os olhos do taberneiro iam de Cennis para o que restava do ferreiro. — Eu vim avisar... como o senhor mandou.... sem hesitar...

— Duvido muito — disse Cennis, com tristeza. Ele dobrou o dedo em gancho e um laço brilhante de Luz apertou a garganta do taberneiro. O paladino apertou mais. Muito mais. O taberneiro começou a sufocar. — A mulher voltou, não voltou? E você não me disse imediatamente. Eu conheço o seu tipo. Você esperou para vir aqui. — Ele apertou mais o laço, e mais. Novas gavinhas de Luz apertaram o taberneiro, amarrando seus pulsos, seus cotovelos. Os arquejos se tornaram gritos roucos.

Cennis saiu arrastando o taberneiro atrás de si.

— Irmãos, o pecador está aqui! — Depois de pensar um instante, ele ergueu as mãos e fez chover faíscas no teto da ferraria. A fumaça subiu imediatamente. Pequenas chamas se unindo em labaredas maiores. Ele acenou com satisfação. Os companheiros paladinos dele às vezes demonstravam pruridos quanto a tratar o mal tão... decisivamente... quanto Cennis, e ele preferiu não contar nada a eles. O fogo era maravilhoso para apagar pistas.

O taberneiro forçava as palavras pela garganta contrita.

— Família... piedade...

— Fique quieto — disse Cennis.

— Coração, não mexa no escudo da moça — Bea disse gentilmente, erguendo Lilsa. Batendo nas costas da filha, Bea franziu o cenho e perguntou a Anajinn:

— Você não vai dormir de armadura, vai?

A cruzada ergueu a cabeça da cama e sorriu.

— É estranho, não é? — Com um suspiro profundo, ela se reclinou. A aprendiz sentava-se em um banco ao pé da cama, servindo chá em três xícaras. Anajinn se mexeu na cama, e a armadura tilintou baixinho.

Era estranho sim. Bea reprimiu um sorriso.

— Tenho certeza de que você vai dormir melhor se tirar — disse ela. Lilsa deu uma risadinha. — Viu? Minha filha concorda.

— Ela está certa — disse Anajinn. Seu sorriso era sincero, mas havia fadiga em seus olhos. Bea suspeitou que não era a primeira vez em pouco tempo que ela se via à beira da morte.

— Mas se aqueles homens voltarem, vou ter que agir rápido.

Bea ficou quieta. Lilsa observava fascinada o modo como a luz do lampião refletia na armadura.

— Eu não acredito que eles vão nos fazer mal. Mal de verdade. — Mas ela ouvira as palavras do paladino para Reiter. Ouvira a raiva em sua voz. Será que ela podia garantir o que eles fariam ou deixariam de fazer? — Eu cresci aqui. Vi todo tipo de gente chegar e partir. Paladinos não eram incomuns. Eles sempre parecerem tão bons quando eu era

criança. Em anos recentes, eles parecem... — Ela hesitou. — Você sabe o que aconteceu? Por que eles estão assim?

A aprendiz lançou um olhar inquisitivo a Anajinn, que ficou em silêncio por algum tempo.

Então ela disse:

— A escuridão deles assomou à superfície. Essa escuridão é o que impele minha cruzada.

— Você odeia os paladinos? — perguntou Bea.

— Não mesmo. Nossa fé tem a mesma raiz. Eu os vejo como irmãos e irmãs. Estão perdidos, mas são da família. — A aprendiz entregou a ela uma xícara de chá. Ela bebeu antes de continuar. — Há muitos séculos, um sábio notou que o núcleo da fé Zakarum tinha sido corrompido. Infectado. Era algo sutil, mas os elementos do mal tinham se infiltrado nos alicerces da fé. A julgar pelas notícias de Travincal, esse mal já não é mais furtivo. Está em franca ascensão, saltando e berrando à luz do dia pelos últimos anos. O lugar se tornou literalmente a morada do Ódio. Quem destruiu aquele lugar fez um favor ao mundo.

Travincal tinha sido destruída? Bea remexeu-se inquieta. Ela não tinha sabido disso.

Soubera apenas que algo horrível tinha acontecido lá.

— Há boas pessoas na ordem deles. Mas infelizmente os que têm inclinações malignas venceram os justos. A destruição de seu refúgio pode ter desequilibrado os demais.

Bea aceitou uma xícara de chá da aprendiz. Sua mãe tremia um pouco.

— E sua cruzada é para eliminá-los?

Anajinn sacudiu a cabeça.

— Minha cruzada é para erradicar o mal que os corrompe. Procurar algo que possa purificar a fé. Eu pensei que tinha encontrado meu objetivo no deserto, há alguns dias... —

Um sorriso cansado apareceu. — Nós purificamos algo, sim. Mas não foi a fé.

— Minhas tripas, isso sim — murmurou a aprendiz.

Bea ficou chocada com a linguagem, mas a cruzada apenas riu.

— Ver demônios saltando das sombras funciona muito bem para purificar as tripas. Nós cuidamos da infestação, e isso é sempre algo bom. Não me arrependo de termos ido até lá.

— Anajinn franziu o cenho como se algo desagradável tivesse passado por sua mente. — Onde está o seu marido, Bea?

— Provavelmente emburrado no andar de cima — disse Bea com um sussurro peralta. — Ele faz isso quando é contrariado.

Anajinn não sorriu.

— Eu não ouvi passos no andar de cima. Ou em parte alguma da taberna. Você pode ir atrás dele, por favor?

— Posso, sim. — Ainda segurando Lilsa, ela saiu do pequeno quarto. — Reiter?

A voz de Lilsa se uniu à dela:

— Paaaaaaaii!

Não houve resposta. Estranho. Bea foi até o salão e chamou o nome de Reiter outra vez.

Silêncio.

— Onde se meteu o seu pai? — perguntou ela a Lilsa. A menina deu de ombros. Bea retornou ao quarto da cruzada. — Acho que ele deu uma saída. Anajinn, por que...

A cruzada já estava de pé, segurando o escudo e a maça. A aprendiz sacou uma espada curta da bainha.

— Eu acho que o seu marido cometeu um engano terrível.

IV

IV

A corda de Luz — ou seja lá o que fosse — em volta do pescoço de Reiter não afrouxou nem um pouco quando os paladinos o mandaram parar. Reiter ouvia a pele começando a fritar com o calor. As mãos dele se remexiam inutilmente às suas costas, presas pelos pulsos.

Seus olhos... seus olhos. *Akarat, meus olhos!* Trevas por toda parte. O paladino apontara o dedo para ele, e uma dor disparara dentro de sua cabeça, destruindo sua visão.

Reiter estava cego. Completamente cego.

— Que bom que você veio falar conosco tão rápido, pecador — sussurrou o líder dos paladinos na orelha dele. — Vamos mandá-lo para o julgamento de Zakarum sem muita dor. Pelo menos você me permitiu praticar um pouco. Seus olhos vão permanecer em sua cabeça. — Reiter foi empurrado e ficou de joelhos. Ele respirava chiando, desesperado, e conseguia apenas sugar um fiapo de ar a cada vez.

Ele podia ouvir os três paladinos se espalhando pela rua. Reiter tentou desesperadamente implorar uma última vez — *“poupem minha família; levem a cruzada, mas poupem minha família”* — mas tudo o que escapou de sua boca foram arquejos incoerentes. Ele caiu de lado. Esforçou-se para ouvir, quem sabe uma porta ou janela se abrindo na rua. Não. Ele compreendeu que não haveria ajuda. Ninguém na cidade iria interferir. Não seria razoável tentar parar aquela luta.

O líder dos paladinos chamou em uma voz forte e clara:

— Herege! A que se chama Anajinn! Eu sou Mestre Cennis. Em nome da fé Zakarum que você escolheu corromper, renda-se imediatamente para ser julgada.

Passos pesados soaram na sacada de madeira da taberna. Reiter via apenas escuridão, mas podia ouvi-la claramente. Ela saía pela porta sem hesitar.

— Taberneiro, escute: Eu farei o que for possível pela segurança da sua família. — A voz de Anajinn estava cheia de pena e tristeza, não demonstrando a raiva e a recriminação que ele esperava.

— Perda de tempo — disse o líder dos paladinos. — Qualquer um que dê abrigo a um herege — qualquer um — deve enfrentar o mesmo destino do herege — acrescentou ele com um sorriso amplo.

Portas e janelas se fecharam por toda a rua. Fora isso, nenhum outro som ressoava por Repouso de Caldeum. A cidade inteira prendeu a respiração.

Anajinn olhou os três paladinos. O do meio, perto de Reiter, parecia ser o líder. Os outros dois estavam prontos, mas ela achou que via hesitação em seus olhos. Foi com eles que ela falou.

— Seu líder está falando de assassinar um taberneiro, a esposa dele, e uma criança. A esposa dele está grávida, também — disse ela. — O desprezo era perceptível em cada palavra. — O “Mestre Cennis” os mataria sem se arrepender. Vocês realmente caíram tanto assim? Vocês realmente abraçaram o mal sem hesitar?

Aquilo fez com que Cennis começasse a matraquear outra vez, palavras zangadas sobre justiça, retidão e heresia, mas ela não escutou. Ela apenas olhou os outros dois. Eles se entreolharam.

Indecisão.

Culpa.

Eles sabiam quem Cennis era. Sabiam o monstro que ele se tornara. Eles certamente jamais admitiriam aquilo um para o outro ou para si mesmos, mas sabiam. Eles sabiam, bem lá no fundo, que o que estava para acontecer era *errado*.

Mas ela viu que a expressão de um deles endureceu. O segundo o imitou em seguida. Apenas ódio permanecia em seus corações. Anajinn abaixou a cabeça. Eles não gostavam daquilo; não apreciavam o que tinham que fazer. Mas fariam assim mesmo. Talvez se arrependessem de suas ações; talvez fosse aquele o momento que algum dia levaria à redenção deles. Mas o preço da redenção seria a vida de inocentes.

O paladino continuou a arengar. Anajinn inspirou profundamente, permitindo que o ar e a Luz a preenchessem completamente. Aquilo não extinguiu sua fadiga. A exaustão parecia corroer cada fibra do seu corpo.

Mas a Luz lhe deu forças. Como sempre. Como sempre faria, até que ela chegasse ao fim da jornada.

— Que seja — disse ela, e atacou.

E a Luz dançou ao seu redor.

Um barulho terrível ressoou. Bea recuou instintivamente. Lilsa ouviu em silêncio, com a boca aberta de espanto. Novos barulhos surgiram, o som de fúria descomunal. Sons de batalha.

— Reiter, ah não, Reiter — suspirou Bea.

A aprendiz os levou por trás dos prédios ao longo da única rua da cidade, afastando-as do confronto. Ela levava a espada curta pronta para a luta. A mão esquerda segurava Bea com força.

— Continue — sussurrou ela. Outros moradores da cidade estavam fugindo para o deserto, sozinhos ou em pequenos grupos. Pareciam preparados para se arriscar no ermo em vez de ficar um instante a mais ali que fosse.

— Meu marido, ele...?

Ela sacudiu a cabeça.

— Enquanto ela viver, Anajinn não permitirá que ele morra. — Outro enorme barulho ecoou em cascata pelos prédios. — E ela ainda vive.

Um barulho tremendo impediu maiores comentários. Alguma coisa — *alguém* — arrebentou a parede traseira da taberna, tropeçando em meio à areia. Bea ficou sem fôlego. Alguém tinha sido arremessado *através* da taberna. Pedacos do teto começaram a desabar. Parecia que logo o prédio cairia também. A figura que estava diminuindo de velocidade no deserto não era Reiter, mas quem...

— Para o beco — disse a aprendiz. — Em silêncio.

Bea se deixou ser conduzida para o beco estreito entre as paredes de adobe.

— Quem era aquele? Ele estava morto?

A aprendiz deu uma olhada na esquina.

— era um dos paladinos e não, não está morto. — Com relutância ela acrescentou: — Ele está tentando flanquear Anajinn. Tentando chegar por trás e de lado para atacar Anajinn. — Ela olhou para a espada e depois para Bea.

— Você precisa ajudá-la? — perguntou Bea.

A aprendiz hesitou.

— Ela me disse para não deixar vocês sozinhas.

— Nós vamos ficar longe da luta — disse Bea. Mas a aprendiz não se moveu. — Se eles matarem sua mestra... se eles matarem meu marido, eles vão parar?

— Não.

— Então vá — disse Bea.

Anajinn ergueu o escudo e aparou o golpe do martelo. O impacto a fez tremer até os ossos. Ela deu uma olhada rápida pelo buraco na taberna. O paladino que ela atingira estava começando a se erguer. Ela estava mais cansada do que imaginava. Era para o golpe tê-lo matado.

Os outros dois paladinos avançaram, implacáveis. O paladino líder, o que se chamava Cennis, arremessava martelos de Luz vezes sem conta em sua direção, e o outro arremessava uma salva contínua de setas brilhantes. Ela manteve o escudo erguido, bloqueando os ataques. Quando o segundo paladino chegou a menos de três passos dela, a cruzada abaixou o ombro, se apertou contra o escudo e *empurrou*.

Uma sólida muralha de poder, de Luz, bateu contra o paladino que se aproximava. Névoa rubra explodiu no ar. Quando a Luz enfraqueceu, o ar permaneceu vermelho. Ossos, apenas

ossos, fraturados e secos, caíram na areia. Até as roupas do homem tinham sido estraçalhadas.

Anajinn não exultou com aquela morte. Ela apenas se voltou para Cennis e girou a maçã. Com um grito zangado e assustado ele pulou para trás, arremessando outro martelo, que acertou o ombro direito de Anajinn. Agonia mordeu sua carne, mas ela ignorou.

O paladino sibilou e apertou os olhos ao ver o que restava do irmão.

— Assassina imunda, filha do demônio.

— Vai ser melhor pra todo mundo se você calar a boca — disse Anajinn.

Subitamente ela se agachou e *empurrou* o escudo outra vez, mas o paladino reagiu mais rápido que seu irmão. Ele ergueu as mãos e aparou o impacto com um contra-ataque, que fez o escudo da cruzada tremer. Mas ela já se adiantava, girando a maçã no alto da cabeça. Ele evocou outro martelo para enfrentar a arma dela, mas a cruzada continuou empunhando o escudo à frente, focalizando a Luz adiante enquanto prosseguia abrindo caminho em meio ao ataque dele, derrubando-o na areia. Então ela atacou com a maçã, e uma força pura e branca saltou adiante feito relâmpago.

O paladino grunhiu e ergueu as mãos. Ele *pegou* o relâmpago. E arremessou de volta.

Ela nem se importou em esquivar. Deixou a Luz atingir sua cabeça e armadura sem piscar.

— Demônia — amaldiçoou o paladino. — Demônia maldita.

— A Luz não fere os justos — disse Anajinn, sorrindo friamente. — Você pode dizer o mesmo sobre o poder que você usa?

Enraivecido, ele se ergueu e se atirou na direção dela. A maça e o martelo colidiram. O choque do impacto estilhaçou janelas de vidro ao longo da rua principal. Anajinn avançou, ignorando seu cansaço crescente e... —

— *dor* —

— ela caiu de cara no chão. Arquejando. O escudo já não estava em sua mão. Virando de costas, ela girou a arma, pressentindo sem ver o próximo golpe que se aproximava. A maça de espinhos acertou em cheio a perna direita de Cennis, no espaço entre as placas da armadura. O martelo dele sumiu a alguns centímetros da cabeça da cruzada e ele cambaleou para trás, sangrando e gritando.

Quem a tinha surpreendido? E com o quê? Ela tentou se erguer, mas seus braços e pernas tremeram e cederam, e ela caiu de volta na areia. “Isso é mau”, pensou ela. Marcas de queimadura se desenhavam em seu flanco esquerdo, e ela estava ficando sem fôlego. Queimada por dentro. Ela jurava que podia sentir as entranhas ficando crocantes.

“*Bem*”, pensou ela. “*Isso é novidade.*”

Rilhando os dentes, ela se esforçou para ficar de pé, ignorando a dor, a fadiga, a fraqueza.

— Você escolheu essa vida — disse ela, para se lembrar. Sua voz soava gutural em seus ouvidos. — Viva sua escolha. Amaldiçoe-a. Só não se arrependa dela. — Sua mestra lhe dissera aquilo há muito, muito tempo. *“Continue se movendo”*. Ela ergueu o escudo outra vez e apertou os olhos na direção da estrada.

Luzes brilhantes se digladiavam e faiscavam a uma centena de passos dali. Cennis, o Paladino ferido, fazia gestos loucos. O outro paladino sobrevivente, o que Anajinn arremessara através do prédio, estava lá. *“Então foi ele quem me surpreendeu”*. Ele estava disparando raios contra outra pessoa agora, alguém sem armadura, carregando uma espada curta ...

— Ah, sua estúpida — murmurou Anajinn. A aprendiz costumava desobedecer ordens. *“Quem eu”*, pensou ela, irônica. Mas a jovem não era estúpida. Inexperiente, mas não estúpida. Se ela não tivesse entrado na luta, Anajinn estaria morta. O segundo paladino teria acabado com ela.

Anajinn viu o taberneiro jazendo impotente no chão, preso pelo poder do paladino, perto de sufocar, julgando por seu rosto arroxeadado. Ela se ajoelhou e dispersou a magia com um gesto casual.

Arquejos profundos e roucos irromperam da garganta de Reiter e ele abriu os olhos.

Anajinn recuou. Os olhos dele tinham ficado brancos. Ele tinha sido cegado. Fumaça se ergueu lá no final da rua — era a ferraria, ela imaginou, sacudindo a cabeça. Ela nem queria pensar no que Cennis tinha feito lá. Era um problema para mais tarde.

— Você está bem — disse ela a Reiter. — *“Quem dera eu estivesse também”*, pensou ela. — Levante-se, se conseguir. Você tem que sair da rua. — Ela olhou para cima. A aprendiz ainda enfrentava o paladino. Cennis estava ferido, e o outro paladino ainda devia estar atarantado depois de atravessar as paredes da taberna. Ambos lutavam de maneira instável. A aprendiz estava quase dançando em círculos ao redor deles.

Um sorriso adejou nos lábios de Anajinn.

— Seja rápido.

O taberneiro tentou falar, mas as palavras surgiram como arquejos roufenhos e assustados. Ele estava tentando dizer “Sinto muito”. Anajinn bateu de leve nos ombros dele. Ela podia ver a culpa escrita no rosto dele, mesmo em seus olhos cegos.

— Eles não terão piedade se encontrarem você. Esconda-se bem — disse ela.

Finalmente ele conseguiu se erguer e saiu correndo, estabonado, com as mãos estendidas à frente.

— Esconda-se bem — sussurrou Anajinn. Ela não disse a ele que fugisse da cidade. Ela sabia que ninguém em sã consciência tentaria atravessar o deserto do Kehjistão sem uma caravana bem provida. Um cego, cegado recentemente, aliás, não teria a menor chance.

Para manter Reiter e o resto da cidade a salvo, os paladinos teriam que morrer.

Ela viu Cennis mancando enquanto avançava sobre a aprendiz. A jovem avançava e recuava veloz, saindo do alcance dos paladinos. Ela não tinha armadura, e usava a agilidade de forma vantajosa, conseguindo ferir o braço do segundo paladino ao mesmo tempo em que conjurava uma muralha de poder para deter o ataque dele.

Anajinn entrou na luta, sorrindo sinistramente. Que mestra seria ela se deixasse a aprendiz se divertir sozinha?

— Por aqui, Lilsa — disse Bea. Era difícil manter a voz calma, mas ela conseguiu. Elas se esgueiraram pela parede do posto comercial, indo em direção à rua. — Só um pouco mais.

Lilsa segurou sua mão, parecendo assustada, mas não gritava nem chorava.

— A cruzada vai bater nos bandidos?

— Com certeza — respondeu ela, com mais confiança do que realmente sentia. — Vamos procurar o seu pai. — Ela vira Reiter cambaleando em direção ao outro lado da rua. Medo apertava seu estômago; ele parecera muito ferido e incoerente.

Um rugido atroou no ar, e então houve um longo baque cheio de sons de madeira rachando e paredes desmoronando. Bea ficou parada até a balbúrdia diminuir, deixando apenas a fúria da batalha no ar.

Ela meteu a cara para fora da esquina e perdeu o fôlego na hora.

A Taberna Oásis, seu lar, bem como a nova botica vizinha, jaziam em ruínas. Um golpe possante arrancara ambas dos alicerces. Bea sussurrou uma oração. Ela achava que tinha visto o médico e a esposa fugirem da botica mais cedo. Ela esperava que tivessem conseguido.

Do outro lado da rua, em um beco, Bea viu alguém cambaleando, tateando pelas paredes. *Reiter*. Para chegar até ele, Bea e Lilsa teriam que atravessar a rua na frente dos combatentes.

“Eles vão destruir Repouso de Caldeum se isso continuar por muito tempo”, pensou Bea. Pelo jeito se esconder atrás de um prédio não oferecia abrigo nenhum, julgando pelo poder que manuseavam. Se locomover não era muito mais perigoso que ficar parada.

Ela suspirou fundo e pegou Lilsa nos braços.

— Está pronta para ir encontrar seu pai? — perguntou ela. Lilsa aquiesceu.

— Então vamos — disse ela, e correu para a rua.

Grunhindo, Cennis continuou arremessando martelos na direção das duas hereges.

Repetidas vezes a mulher de armadura aparava os golpes e a mais jovem se esquivava.

Subitamente a moça se aproximou e atacou. A espada cantou na placa metálica do seu antebraço. Foi puro azar que ela não conseguisse decepar seu braço na altura do cotovelo

exposto. Ele deixou que ela se afastasse e criou outro martelo. Para atacar por trás dessa vez.

A aprendiz girou e ergueu as mãos para bloquear o ataque, mas Cennis fez o primeiro martelo desaparecer e arremessou outro direto da altura do peito. Ela virou a espada e o martelo atingiu aço em vez de carne, mas o impacto a arremessou bem para trás. Com um sorriso, Cennis voltou a atenção para a cruzada. Anajinn. Ela ainda lutava bastante e encarava os dois paladinos com fria determinação, mas a força dos golpes dela estava diminuindo. Como era o certo. Como sempre acontecia com os inimigos da Mão de Zakarum quando eles enfrentavam a justiça. Ela girou a maça uma vez, duas, três, mas errou os golpes.

— Hora de morrer — disse ele.

— Como queira — respondeu ela. E súbito havia duas cruzadas... três... quatro... *atacando* ...

Com um grito, Cennis atacou loucamente as duas figuras translúcidas que iam em sua direção, cada uma girando uma maça que assobiava no ar. Seus golpes as atingiram, e elas desapareceram feito fumaça na brisa.

O outro paladino não foi tão rápido. Duas outras Anajinns giraram as maças, e os pedaços do homem voaram em várias direções. A névoa desapareceu e só havia uma Anajinn novamente. Ela se apoiou no escudo, exausta mas ainda sorrindo selvagememente para Cennis.

— Diga-me, paladino — disse ela. — Os seus anciãos tiveram que arrastar você para as garras do mal, ou você foi por conta própria?

Cennis olhou para ela com uma expressão selvagem. A aprendiz estava voltando à luta, lentamente, sentindo dor — mas sem hesitar. Por alguns instantes ele só ficou ali. Então se virou e saiu correndo, mancando e sangrando.

Ele ouviu Anajinn grunhir.

— Não me faça ir atrás de você — gritou ela. Ele fez uma careta, mostrando os dentes. Medo e fúria lutavam em sua mente. *“Tenho que fugir. Tenho que matá-la. Tenho que... tenho que...”*

No fim da rua, um vulto entrou em um beco. Cennis foi atrás.

Anajinn esperou que a aprendiz a acompanhasse.

— Podia ter sido pior — disse a cruzada, com um sorriso dolorido.

A aprendiz estava sem fôlego.

— O paladino... a esposa do taberneiro...

O sorriso de Anajinn desapareceu.

— Onde? — A aprendiz apontou na direção de um beco à frente. Cennis desaparecera lá dentro.

De alguma forma, elas encontraram forças para ir atrás dele.

— Reiter — disse Bea, com as mãos segurando o rosto dele. — O que eles fizeram com você?

Seus olhos brancos rodeavam em suas órbitas.

— Eu não consigo enxergar. — A voz dele estava trêmula. Ele agarrou os pulsos dela como se tivesse medo de que ela o deixasse. — Ele pegou... Eu não consigo ver. Você está ferida? Lilsa? Ela está aqui?

— Eu estou aqui — disse Lilsa. Os olhos dela estavam arregalados e rasos d'água.

Reiter se agachou, sem olhar na direção certa, tateando.

— Lilsa? — Finalmente suas mãos a encontraram e ele a puxou para perto. O torso de Reiter ficou indo para frente e para trás. Seus olhos olhavam para o alto como se tentassem encarar o olhar de Bea. — Eu sinto muito. Eu sinto muito.

— Agora não importa mais — disse Bea, tão firme quanto pôde. — Eu acho... — Ela escutou por um instante. Os sons da batalha tinham cessado. — Eu acho que a luta acabou.

— Quem venceu? — sussurrou Reiter.

Bea abriu a boca para dizer “eu não sei”, mas outra voz a interrompeu.

— A Mão de Zakarum sempre vence, imundície.

Lilsa gritou.

O grito era inconfundível. Uma criança.

— Dê a volta — disse Anajinn, baixinho.

A aprendiz sacudiu a cabeça.

— Eu não vou abandonar você.

— E eu não estou pedindo. Dê a volta. — A voz da cruzada não era mais suave. A aprendiz aquiesceu a contragosto e cambaleou dando a volta no prédio — uma tanoaria, pelo que parecia.

Anajinn esperava que o taberneiro e a família já tivessem fugido dali. Mas ela nunca se fiava em esperança.

— Paladino! — chamou ela. — Você quer mesmo trazer inocentes para esta luta?

Uma sombra apareceu na esquina do beco.

— Não há inocentes nesta cidade. Não quando eles abrigam gente que nem você! —
respondeu uma voz furiosa.

Anajinn rilhou os dentes e ergueu o escudo. Ela suspeitava que apelar para a misericórdia dele seria inútil. No entanto, ela podia provocar seu orgulho...

— Então você se esconde nas trevas, é? — ela precisava atraí-lo, precisava dar à aprendiz uma chance de flanqueá-lo. — É assim que lutam os *servos da fé*?

Com um rugido feroz, o paladino se adiantou. O coração de Anajinn se confrangeu quando ela viu que ele segurava o pescoço de Bea com o braço esquerdo. Seu punho direito pairava alguns centímetros afastado da orelha dela. Para piorar, Lilsa estava nos braços de Bea. A menina agarrava a barriga da mãe, encarando o homem que fazia as duas de reféns.

Faíscas voavam do punho direito do paladino. Bea não tremia nem recuava, mesmo quando as faíscas queimavam sua carne.

“Ótimo”, pensou Anajinn. *“Não demonstre nada pra ele. Não demonstre nada pra sua filha.”*

— Será que os anciãos gostariam de ver você agora? — perguntou Anajinn. — Será que a congregação nos templos de Travincal ficaria orgulhosa ao ver um campeão da sua fé se escondendo atrás de uma mulher grávida e uma criança?

Cennis sorriu; era um som desesperado.

— Não existe congregação. Não mais. Travincal... Acho que já não existem mais anciãos também. Mas eu vou cumprir a tarefa que me deixaram.

— E que tarefa é essa?

— Hereges. Sempre há hereges. Eu sei o que você é. — Seu riso louco ecoou pela rua. — Poucos da minha ordem sabem. Mas eu sei. Você acha que nós somos corruptos. Condenados. Mas foram vocês que fugiram, cruzada. Você e sua estirpe fugiram. Vocês não enfrentaram nada. Vocês saíram correndo para os pântanos para se esconder. Nós ficamos para cuidar do problema.

— Foi isso que seus anciãos lhe disseram? Eles mentiram.

Foi como se ele não a escutasse. Sua expressão mudou de raiva para horror em alguns segundos. Ele olhava para longe, milhares de quilômetros dali, vinte anos no passado.

— Por que você fugiu? Por que você me deixou? — Lágrimas caíram de seus olhos. Sua voz ficou infantil. — As coisas que eles fizeram comigo... as coisas que me forçaram a fazer... Por que você não me ajudou? Você sabia? Você sabia o que esperava por mim. Eles me fizeram odiar. Me encheram de ódio. — Seu punho tremia mas não se afastou da cabeça de Bea.

— Nós sabíamos o bastante — disse Anajinn, baixinho. — O mal já havia dominado os alicerces da fé Zakarum. Nós não podíamos salvá-la. Não sozinhos. Então procuramos algo que podia.

— Vocês encontraram? — A voz de criança outra vez. Esperançosa.

— Ainda não — disse Anajinn.

— Então foi tudo inútil. Tudo inútil. — Cennis pareceu a ponto de chorar por um instante. Então a criança desapareceu e o paladino retornou. Seu olhar endureceu. — Abaixes as armas, cruzada. Abaixes o escudo. Retire sua armadura. Ou eu mato eles. — O braço dele apertou a garganta de Bea. Os olhos dela encontraram os de Anajinn e imploraram, não pela vida dela, mas pela de Lilsa.

Reiter saiu se arrastando do beco, girando a cabeça sem ver nada

— Não — gritou ele. — Minha família. Misericórdia. Por favor. *Misericórdia!*

— Anda logo, cruzada!

Anajinn viu a aprendiz espiando da esquina da tanoaria, atrás de Cennis. Ela também viu a aprendiz sacudir a cabeça lentamente. Anajinn suspirou. A aprendiz não podia fazer nada, não com o paladino de armadura e com reféns. Um ataque forte o bastante para eliminá-lo também os eliminaria.

Uma sensação de paz a inundou. Ela deixou o cabo da maça escapar de seus dedos, caindo no chão.

— Eu quero que você saiba de uma coisa, Cennis. — ela enfiou firme o escudo no chão, e ele ficou em pé sozinho. — Eu quero que você tenha esperança. — As manoplas caíram no

chão. Então o peitoral. A camisa simples que ela usava por baixo estava manchada de sangue e suor. — Eu não encontrei o que buscava. Nem minha mestra, nem a mestra dela. — As ombreiras caíram. Então os coxotes. — Mas apesar disso, eu não me arrependo de nada. Alguém encontrará o que buscamos. A fé será purificada. E não importa o que você faça comigo... — Ela chutou as botas com facilidade — Eu não cheguei ao fim da minha jornada. Minha cruzada continua.

Anajinn viu uma esperança infantil adejar no rosto de Cennis. Mas foi apenas um instante. Só assassinato a sangue frio restava ali. O paladino estendeu o braço direito e um martelo brilhante saltou na direção dela.

Ela manteve os olhos abertos e sorriu até o fim.

Bea fechou os olhos com força. Um instante depois, o som morreu. O braço do homem se soltou de sua garganta.

— Não ouse se mover, mulher — grunhiu o paladino em seu ouvido. Ela aquiesceu, mas ele já se aproximava de Anajinn.

Do que restava dela, quer dizer. Bea protegia Lilsa, impedindo que ela virasse a cabeça e visse. Lágrimas assomaram em seus olhos.

— Parece que o fim da sua jornada chegou — provocou o paladino. Ele chutou o peitoral da cruzada. — Parece que sua busca chegou ao fim.

— Não.

Bea e a paladina se voltaram na direção da voz. A aprendiz se postava com a espada na mão. Rugindo, o paladino atirou o martelo nela.

Houve um clangor alto de som e fúria e uma grande nuvem de fogo explodiu onde a garota estava há apenas alguns instantes. Não havia sinal da aprendiz da cruzada.

Por um breve momento.

Luz se abateu do alto. A aprendiz atacou junto. O paladino viu o golpe se aproximando. E uma expressão de alívio infantil passou por seu rosto.

E então acabou.

A aprendiz se ajoelhou perto da mestra e sussurrou algo que Bea não conseguiu ouvir. Mas não havia como não notar as gotas brilhantes caindo na areia. Lágrimas.

A jovem se levantou. Ela pegou o escudo de Anajinn.

— Bea? — grasnou Reiter. — Bea? Você está ferida?

Bea foi até ele.

— Eu estou bem. Lilsa está bem.

— Anajinn? — A voz dele tremia. — Ela está...?

— Estou aqui — disse a aprendiz. Bea olhou para ela, confusa.

Reiter inclinou a cabeça.

— A-Anajinn? É você?

— Sim — disse a aprendiz. Ela prendeu a última peça da armadura no corpo e se aproximou do homem cego. Com cuidado ela pousou a mão na testa dele e abriu o livro das leis de Anajinn. Suavemente, ela começou a recitar um trecho diferente. Reiter piscou várias vezes. Sua cabeça ia para frente e para trás. Seus olhos já não estavam recobertos de branco. Suas pupilas restauradas iam de um lado a outro. A aprendiz suspirou. — Isso é tudo o que posso fazer. Você está bem?

Reiter olhou para Bea.

— Eu consigo... não está... está borrado — disse ele, apertando os olhos. Ele olhou para a moça. — Obrigado, Anajinn. — Ainda havia incerteza em sua voz. Bea compreendeu que ele via apenas um borrão de armadura e pouco mais que isso. — Sua voz está diferente.

— É, acho que sim — disse ela.

V

— Isso é o que nosso juramento exige — disse Anajinn. — Diz respeito à dedicação à busca. Ao comprometimento para salvar a fé, mesmo que não seja você a salvá-la.

Reiter escutava atentamente, encurvado, sentindo as costas doer. As palavras da cruzada vinham abafadas até a biblioteca, mas eram audíveis mesmo com a porta fechada. Quando a taberna foi reconstruída, quase vinte anos antes, ele usara paredes mais finas. Ele vendera metade de suas terras para pagar o serviço. Sacrifícios foram feitos. Mas a taberna jamais voltaria à sua glória antiga.

— Acho que eu entendo — disse Lilsa. Ela estava muito feliz por ter encontrado Anajinn novamente. Por dias ela ficara sentada conversando com a cruzada, horas a fio. — Não é esperança. É propósito. É por isso que vocês passam o nome do cruzado original adiante. Vocês tentam ser dignos do sacrifício deles.

— Esse é um dos motivos — disse Anajinn.

Reiter sentiu uma dor no estômago. Ele ficou sentado em silêncio na escada, ouvindo as juntas estalando. Ele não queria que soubessem que ele estava escutando a conversa. Suas mãos, há muito retorcidas com a idade, se abriam e fechavam. Seu coração batia forte e suor pingava de sua testa.

— Você está pronta para comprometer a vida nisso, Lilsa? Minha mestra uma vez me disse: “Se você escolher essa vida, você pode vivê-la, pode amaldiçoá-la, mas não poderá se

arrepende. Nossa estirpe não costuma viver muito, e o pouco que temos a sorte de viver é repleto de dificuldades.

— Sim — disse Lilsa, com firmeza. Reiter apertou os olhos, reprimindo um grunhido. — Eu quero ir com você em sua busca, até... — ela fez uma pausa. — Para onde vamos primeiro?

— Para dizer a verdade, eu mudei de planos recentemente. — disse Anajinn. Ouvi dizer que uma estrela caiu em Nova Tristram. Pesadelos caminham pela terra. Acho que não serei a primeira cruzada a chegar lá, mas talvez consigamos ser úteis.

Lilsa bateu palmas de empolgação. A porta da biblioteca se abriu de chofre e Reiter se ergueu e fingiu estar apenas descendo as escadas em direção ao salão. Ele tentou evitar fazer uma expressão de medo. Milhares de palavras adejavam em sua mente, formando avisos, admoestações, recusas, ultimatoss. Qualquer coisa que fizesse Lilsa mudar de ideia, que a fizesse ver a razão.

Nenhuma das quais, ele sabia, ele jamais teria coragem de dizer.

— Pai — disse Lilsa. — Eu tenho algo importante para dizer.

— É, acho que tem. — respondeu ele.